

A IMAGEM DO BUROCRATA INSATISFATÓRIO: UMA APRECIÇÃO

Valdir Melo

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2785>

A 'Imagem do Burocrata Insatisfatório' atribui ao funcionário do Estado alguns traços depreciativos de personalidade ou de conduta. Economistas eminentes, como Ludwig von Mises e George Stigler, pensam que a Imagem reflete puro preconceito. O presente texto faz objeções à Imagem como procedimento de ilustrar e expor certos tópicos administrativos e de ciências sociais que se ligam aos temas de burocracia e Estado.

Vários aspectos da Imagem exibem sua fragilidade factual e lançam dúvidas sobre sua aceitabilidade como retrato realista. Para começar, o surgimento da Imagem dá indicações suspeitas de sua fidelidade à realidade de algum lugar ou período de tempo bem definido. Pois, contando-se somente a civilização ocidental moderna, ela data de mais de duzentos anos atrás. De sua origem na Prússia e na França, entre o final do século XVIII e os primeiros anos do século XIX, espalhou-se por outros países nas décadas seguintes até os dias de hoje.

A Imagem pinta um mal que seria uniforme socialmente e culturalmente. Diferenças de cultura entre países, assim como diferentes características de períodos governamentais, e até mesmo transformações de regimes políticos, aparentemente não afetam os defeitos de comportamento dos burocratas. Não há nuances nem graus nem qualificações de acordo com os órgãos onde estão lotados; a diversidade das funções dos órgãos públicos; os diferentes estágios de desenvolvimento em que cada órgão está; e a variedade de formação profissional. Ademais, a diversidade entre servidores de nível educacional, de origem regional, de origem de classe social, de gênero, nada disso qualifica nem enriquece o teor da Imagem.

A Imagem passa a impressão de que os desconfortos, aborrecimentos ou frustrações em lidar com órgãos estatais teriam uma explicação unicausal, os traços dos burocratas. No entanto, uma mazela organizacional tem naturalmente explicações

alternativas, considerando os diversos componentes e aspectos do sistema da organização. Entre os possíveis fatores e mecanismos causais estão o modo de gerenciamento, a estrutura organizacional, o regime gerencial e a disponibilidade de recursos.

O modo de gerenciamento sofre influência do critério de conveniência político-partidária na escolha dos dirigentes. Gera-se nos escolhidos certa propensão afetiva ou moral de direcionar parte das decisões e ações do órgão para atender a necessidades político-partidárias do grupo que escolheu ou indicou. Com frequência, esses dirigentes e gerentes indicados politicamente passam pouco tempo no cargo e saem.

A estrutura organizacional dos órgãos públicos é afetada pelo fato de que Estado cuida da ordem social; quase sempre presta serviços a coletividades, mesmo quando se aproxima de prestá-los a indivíduos. Um órgão estatal tem objetivos múltiplos e complexos, às vezes ambíguos, vagos ou incongruentes; logo, difíceis de medir.

Em boa parte dos órgãos estatais, a forma de administração segue o regime de comando e controle. Este estimula quietismo e passividade, viés de agradar os superiores, bem como atitude repetitiva – que é o oposto da atitude inovadora.

A disponibilidade de recursos é às vezes insuficiente, o que leva diversos órgãos públicos a operar com racionamento por espera. Este gera filas longas. É natural que muitos demandantes de serviços em órgãos públicos detestem os aborrecimentos a que as filas os submetem.